

Programas de intervenção de educação nutricional no ambiente escolar

Intervention programs for nutrition education in the school environment

Tainá Marins Chaves ¹

Ana Paula Caetano de Menezes Soares ²

Artigo
Original

Original
Paper

Palavras-chave:

Educação Nutricional

Âmbito Escolar

Pesquisa Qualitativa

Problematização

Resumo:

Este estudo busca identificar o “estado da arte” dos trabalhos que tratam das intervenções de educação nutricional no meio escolar. Foram analisados 23 artigos, que se dividiram em três categorias: estudo epidemiológico em escolas, avaliação de aprendizagem de discentes e docentes e, educação nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais e matriz curricular. Na primeira categoria notou-se que a obesidade era fator predisponente das patologias analisadas, na qual os autores concluíam que a educação nutricional é importante, sem propor ações de intervenção. Na segunda categoria foram aplicados questionários e outros métodos para avaliar o conhecimento de discentes e docentes sobre o tema, utilizando metodologia quantitativa em sua maioria. A última categoria propõe a inserção de temas transversais na matriz curricular do ensino fundamental, o que contribui para a promoção da saúde, já que um dos temas é saúde. Conclui-se que há carência de estudos nessa área, cujo objeto seja o processo de educação nutricional, além da falta da utilização da abordagem qualitativa como metodologia.

Abstract

This study aims to identify the “state of the art” of works dealing with nutrition education interventions in schools. We analyzed 23 articles, which were divided into three categories: epidemiological study in schools, learning assessment of students and teachers, and nutrition education in the National Curriculum and curriculum. The first category was noticed that obesity was a predisposing factor analysis of pathologies in which the authors concluded that nutrition education is important, without proposing intervention actions. In the second category were administered questionnaires and other methods to assess the knowledge of students and professors on the topic, using quantitative methodology for the most part. The last category is proposing the inclusion of cross-cutting themes in the curriculum of basic education, which contributes to the promotion of health, since health is one of the themes. We conclude that there are few studies in this area, whose object is the process of nutrition education and the lack of use of the qualitative approach as a methodology.

Key words:

Nutrition Education

Field School

Qualitative Research

Curriculum

Problematization.

¹ Discente do Curso de Nutrição do Centro Universitário de Volta Redonda.

² Nutricionista. Docente do Centro Universitário de Volta Redonda, Mestre em Educação em Ciências e Saúde pelo NUTES – UFRJ.

1. Introdução

A educação nutricional tem como objetivo a formação de hábitos alimentares saudáveis desde a infância¹. Parecendo lógico que, em consequência disso, seja inserida no ambiente escolar. No entanto, historicamente, estes dois campos de saberes nem sempre apresentaram um diálogo coerente e harmônico, em consequência das diversas abordagens políticas dos gestores da área da educação.

Na década de 40 surge o interesse pela educação nutricional^{1,2} e é também nesse período que se destaca Josué de Castro, que defendia a reestruturação agrícola para solucionar o problema da fome, além de participar de programas ligados à alimentação¹.

Em 1955 é criado o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que segundo a Associação Brasileira de Nutrição (Asbran), tinha por objetivo o combate à evasão escolar. Hoje o programa visa aumentar o leque de atendimento, contribuir para o crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos das escolas públicas brasileiras^{3,4}.

Entretanto, a partir dos anos 1970 o binômio alimentação–educação no Brasil passou a ser alimentação–renda, uma vez que a renda foi vista como o principal obstáculo para obtenção de uma alimentação saudável. E ainda, foi criada a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) que tem por objetivo garantir o acesso aos alimentos levando à promoção das práticas alimentares saudáveis, além da prevenção de distúrbios nutricionais¹.

Na década de 80 novas propostas de educação alimentar e nutricional foram discutidas, como a educação nutricional crítica, que se baseava na pedagogia crítica dos conteúdos, considerando que a educação nutricional não poderia ter uma metodologia pré-estabelecida. Além disso, a educação nutricional crítica influenciou os conteúdos da disciplina educação nutricional da matriz curricular dos cursos de graduação de nutrição. Que então, passaram a focar também na fome e não apenas na desnutrição, além dos direitos dos cidadãos e não apenas nas práticas alimentares, como formas de promoção da saúde¹.

Ainda focando na promoção da saúde, aconteceram diversas conferências como em 1986 a 1ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde realizada em Ottawa, que definiu o conceito de promoção da saúde como: processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação nesse processo; seguida da Declaração de Adelaide, que enfatizou a importância das políticas públicas como pressuposto para vidas saudáveis, destacando a responsabilidade das decisões políticas, especialmente as de caráter econômico para a saúde, em 1988 na Austrália. Já em 1991, na Suécia, aconteceu a Declaração de Sundsvall que sublinhou quatro aspectos para um ambiente favorável e promotor de saúde, como: o modo pela qual as normas afetam a saúde, as questões políticas nas quais o povo quer a descentralização dos recursos, a dimensão econômica que requer a negociação dos recursos para saúde e desenvolvimento sustentável e, a utilização das mulheres em todos os setores. Declaração de Bogotá em 1992; Declaração de Jacarta em 1997, reafirmou que as estratégias de Ottawa são importantes para promoção da saúde; Conferência do México de 2000 reconhece a saúde como um valioso recurso para usufruir a vida e necessária para o desenvolvimento social e econômico e; Carta de Bangkok em 2005 considera a saúde como um direito fundamental do ser humano^{2,5}.

Nos últimos anos, a educação nutricional tem sido vista como um promotor da saúde, dentro do ambiente escolar, inclusive proporcionando a construção de um Projeto Político Pedagógico (PPP) com a participação de toda equipe do meio escolar, levando em consideração que as vivências, saberes e crenças são tão importantes quanto a teoria, daí a utilização de uma pedagogia problematizadora de Paulo Freire. Segundo Boog, são vários os inconvenientes apresentados por uma abordagem educativa convencional fundamentada apenas na transmissão de informações, pois esta abordagem é em geral insuficiente para motivar mudanças mais significativas das práticas de saúde, por não problematizar estas questões considerando a dimensão integral do educando⁶.

Desta forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais são referenciais de qualidade para a Educação Fundamental, que prezam a garan-

tia de uma boa educação⁷. Deste modo, são propostos a inclusão de temas de segurança alimentar no PPP, mas para isso é necessária a capacitação de discentes e outras pessoas envolvidas na educação dos alunos, sensibilizando-os de que ele é um agente motivacional de promoção da saúde, além da discussão de políticas pedagógicas^{2,6}.

Deste modo, desenvolvida a partir de uma perspectiva problematizadora ou participativa, a educação nutricional leva à formação do aluno transformando seus hábitos alimentares⁸. Então, a concepção problematizadora coloca o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, no qual ele passa a ser ativo, participando da construção de seu conhecimento^{9,10}.

Demarcada esta linha cronológica, verifica-se a necessidade de uma melhor compreensão das contribuições científicas em pesquisas nesta área, que ainda está em constante construção. Isto porque, na grade curricular dos cursos de Nutrição, a Educação Nutricional tem sido marginalizada e tratada tão somente como um apêndice da Nutrição em Saúde Pública, e isso gerou a escassez de trabalhos e pesquisas voltadas para esta linha, além de reduzido número de autores e publicações expressivas¹. Desta forma, este artigo tem por objetivo identificar o “estado da arte” dos trabalhos que tratam sobre as intervenções de educação nutricional no ambiente escolar.

2. Metodologia

O presente artigo trata-se de uma revisão sistemática, na qual foram analisados 23 trabalhos, dentre artigos científicos e dissertações de mestrado, publicados nos últimos dez anos, e selecionados a partir de uma busca em duas bases de dados na web, no período de 30 de setembro a 18 de outubro de 2010. Sendo:

Biblioteca Virtual em Saúde: utilizando-se como descritores de busca os termos *educação nutricional* e *escola*, encontrou-se 105 trabalhos, dentre os quais foram incluídos nesta avaliação apenas 34 que possuíam texto completo. Além disso, 07 foram excluídos devido ao ano de publicação; 07 foram excluídos desta avaliação por, apesar de aparecerem como resultados na base de dados, não são relacionados ao tema Educação Nutricional no

âmbito escolar, mas sim com outros aspectos relevantes relacionados à temática, tais como: fatores ambientais associados ao sobrepeso infantil, a família como determinante para o comportamento alimentar, avaliação nutricional de uma comunidade carente, a relação do desempenho neurológico com estado nutricional, a aceitação da merenda escolar e PNAE, a repercussão do programa bolsa família, e a participação de agricultores na inserção de hortaliças na merenda escolar.

Scielo: utilizando-se como descritores de busca os termos *educação nutricional* e *escola*, encontrou-se 07 artigos científicos, dentre os quais apenas 03 foram excluídos, pois apesar deles aparecerem como resultados na base de dados, não condizem com o tema, mas se referem ao consumo de suplementos, a caracterização de produtos dietéticos consumidos por pacientes diabéticos e a fatos da história da educação em saúde. Além disso, 01 foi excluído devido ao ano de publicação.

No total, foram analisados 23 trabalhos, focando principalmente no objetivo, metodologia utilizada na pesquisa e conclusão. Após a leitura dos mesmos, foi possível encontrar três categorias, como: estudo epidemiológico em escolas, avaliação de aprendizagem de discentes e docentes e, educação nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e matriz curricular.

3. Resultados e Discussão

3.1. Estudo epidemiológico em escolas

Dentre os artigos que envolviam estudos epidemiológicos, todos avaliaram o estado nutricional dos alunos, além da patologia específica que no caso foram: hipertensão arterial, obesidade e anemia ferropriva. Todos os estudos constituíram na realização de avaliação antropométrica, além da aplicação de um questionário.

Em todos os artigos a obesidade foi um achado importante, o que leva a mesma a ser um fator de risco para o desenvolvimento de tais doenças.

A respeito das recomendações baseadas em estudos epidemiológicos para prevenir a obesidade e as doenças crônicas não transmis-

síveis dela decorrentes, os investimentos nessa área encontram sérios obstáculos porque contrariam interesses econômicos. A “indústria da obesidade” é geradora de lucros para spas, academias, indústrias farmacêuticas, clínicas especializadas¹¹.

Dentre este grupo de estudos encontrados, o de maior relevância, foi um estudo epidemiológico transversal, de base populacional, por meio de um consórcio de pesquisa que resultou do projeto Estilos de Vida e Comportamentos de Risco à Saúde em Adolescentes: do Estudo de Prevalência à Intervenção, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Estilos de Vida e Saúde, da Universidade de Pernambuco. A população alvo foi constituída por estudantes de ambos os sexos, matriculados em escolas da rede pública estadual de Ensino Médio da Região Metropolitana do Recife – Pernambuco. Os dados foram coletados utilizando o questionário Global School-based Student Health Survey (GSHS), proposto pela OMS. Como resultado constatou-se que: ser do sexo masculino, apresentar sobrepeso ou obesidade e não praticar atividades físicas foram fatores associados para hipertensão arterial sistêmica nos adolescentes estudados¹².

Assim sendo, a divulgação da prevalência identificada neste estudo poderá incentivar professores a se interessarem nessa promoção de saúde, no desenvolvimento das atividades escolares rotineiras. Dessa forma, a grande campanha de recuperação e manutenção da saúde de adolescentes se fará naturalmente, sem programas pontuais cujos efeitos são passageiros.¹²

Portanto, tendo em vista que os hábitos alimentares são formados desde cedo, fica nítida a dificuldade de se estabelecer mudanças, principalmente com crianças mais velhas, que já terão se tornado independentes quanto a escolha do que vai comer ou não^{13,14}. Todavia, a aplicação de programas contínuos de educação nutricional desde a infância parece ser a melhor maneira de se tentar reverter o quadro de consumo alimentar inadequado¹³.

Enfatiza-se também a importância da integração de toda a comunidade escolar e da família a fim de propiciar à criança a formação de hábitos de vida saudáveis, prevenindo assim o aumento da prevalência da obesidade^{13,15}.

Apesar de ser um problema antigo, a obesidade nunca havia alcançado proporções epidê-

micas como atualmente, fato parcialmente explicado pela redução da atividade física e pelas modificações dos hábitos alimentares, caracterizadas pelo aumento na quantidade e frequência do consumo de produtos muito calóricos¹⁶.

Esse panorama da obesidade nos estudos avaliados nesta categoria, demonstra a necessidade de implantação e implementação de programas de educação e saúde direcionados especialmente às crianças, visto que nos primeiros anos de vida é que são voltadas as práticas alimentares que repercutem nas condições de saúde até a vida adulta. E essa necessidade foi observada por Turma et al¹⁶, que propõe o incentivo de hábitos saudáveis a partir da creche, que é o local no qual as crianças realizam a maior parte das refeições diárias e também que os pais participem do processo educativo de seus filhos.

Estes autores ainda complementam que as ações de incentivo à adoção de estilos de vida e hábitos alimentares saudáveis também devem ser estendidas ao corpo técnico-administrativo das creches, uma vez que essas instituições oferecem grande parte da alimentação diária consumida pela criança. Enfatiza-se também que os pais/responsáveis devem participar diretamente de todo esse processo educativo¹⁶.

Entretanto, ater-se às formas mais tradicionais de educação significa render-se às dificuldades próprias à prática pedagógica desta transição de século¹¹. O contexto desafiador da educação nutricional exige o desenvolvimento de abordagens educativas que permitam abraçar os problemas alimentares em sua complexidade, tanto na dimensão biológica como na social e cultural¹¹.

Por isso, Rodrigues e Boog propõem uma abordagem educativa fundamentada no pensamento pedagógico de Paulo Freire que se identifica com a pedagogia da autonomia, a qual enfatiza os aspectos inerentes da realidade da vida do sujeito, o diálogo entre educador e educando, e a submissão da ciência e da técnica às necessidades tais quais sentidas e percebidas pelos alunos¹⁷.

Segundo Paulo Freire, “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Com relação a isso, a educação problematizadora fundamenta-se exa-

tamente na relação dialética entre educador e educando, e ambos aprendem juntos^{18, 19}.

A pedagogia problematizadora de Freire é baseada no processo de ensino-aprendizagem focado na realidade do aluno. A primeira etapa consiste na observação da realidade, na qual o aluno observa tudo a sua volta e é capaz de expressar sua opinião. A partir daí, ele separa aquilo que é importante do que não é; enumerando os pontos-chave do assunto ou problema em questão. Então, parte-se para teorização, momento em que o aluno se pergunta o porquê daquilo observado e busca respostas em materiais científicos; compreendendo o que foi estudado. E após se confrontar a realidade com a teoria, o aluno parte para hipóteses para solucionar o problema estudado. Ele irá mudar a realidade em que vive, aplicando as soluções viáveis encontradas por ele mesmo²⁰.

No entanto, este modelo pedagógico não foi o observado nos artigos analisados. A educação nutricional apareceu em quatro dos artigos encontrados nesta categoria como o fim, a conclusão. Ou seja, o quadro epidemiológico foi delineado e para resolvê-lo faz-se necessário implementar ações educativas, mas o referido trabalho de Rodrigues e Boog¹⁷ é o único que de fato tem como objeto a forma como este processo se dá, porque trabalha com abordagem metodológica qualitativa.

Além de Freire, o psicólogo Jean Piaget propõe outro modelo pedagógico, baseado na perspectiva interdisciplinar e construtivista em que o aluno é capaz de formar seu conhecimento, em que ele passa a ser sujeito o não objeto do binômio ensino-aprendizagem^{21, 22}.

Dentre os artigos encontrados nesta categoria, um deles chamou a atenção por causa da metodologia utilizada por Fernandes et al¹³; na qual ele propõe que seja avaliado o efeito de um programa de educação nutricional na prevalência de obesidade e sobrepeso, além da avaliação do consumo alimentar de alunos da 2ª série de uma escola de Florianópolis. Durante o estudo foi realizada avaliação antropométrica, coleta de dados para um questionário de registro alimentar que era preenchido após a merenda escola, além de 08 encontros quinzenais com o grupo de intervenção sobre hábitos alimentares saudáveis utilizando métodos lúdicos. No entanto, os resultados coletados e analisados foram tratados de forma

quantitativa¹³, o que se delineou como uma razão, pois é preciso ir além dos números e buscar compreender o que de fato os alunos apreenderam e se isso é suficiente para que os hábitos mudem e se tornem saudáveis. Muitas vezes, é fácil ouvir o que é certo fazer, mas é difícil colocar em prática, então além da teoria deve haver oficinas práticas nas quais o aluno possa realmente participar⁹.

De acordo com Minayo²³, a pesquisa qualitativa, dá conta destes vieses subjetivos, inseridos nos atos socioculturais, universo em que acontecem as relações de ensino-aprendizagem, utilizando-se uma abordagem dialética.

Obviamente, que por se tratar de trabalhos de cunho epidemiológico, a abordagem quantitativa seja o paradigma aceitável. Fique claro também que a pesquisa de Boog¹ não se deu no ambiente escolar, o que se questiona aqui é a dificuldade da área da saúde em intervir em escolares com outro objetivo que não seja o de traçar diagnósticos, e isso se reflete na produção científica deste campo de conhecimento em construção.

Assim, a educação nutricional deve agregar os conhecimentos do campo da antropologia da alimentação e os fundamentos teóricos do campo da educação, para que esteja inserida em um contexto político-social de promoção à saúde e qualidade de vida¹⁷.

3.2. Avaliação de aprendizagem de discentes e docentes

A maioria dos artigos desta categoria utiliza em sua metodologia a pesquisa quantitativa, em que se pretende verificar quantos discentes e/ou docentes dominam determinado assunto. Alguns comparam o desempenho do aluno e/ou professor antes e após um curso ou oficina com tema voltado para educação nutricional.

Além disso, os artigos que realizaram uma pesquisa quantitativa citaram apenas que a educação nutricional e a promoção da saúde dentro do ambiente escolar são de suma importância, sem sequer propor alguma atividade ou programa para colocá-la em prática. Mesmo que em minoria, os artigos que utilizaram como metodologia a pesquisa qualitativa, tiveram em seus resultados e conclusão pontos importantes e construtivos para o campo da educação em saúde.

Com relação a isso, essa abordagem qualitativa busca entender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes e, para isso, utiliza entrevistas em profundidade, nas quais há o contato direto do pesquisador com os sujeitos de pesquisa^{9,24}.

E como exemplo, temos o artigo de Iuliano et al²⁵, que realizou um levantamento do tipo descritivo, com abordagem qualitativa, que permitiu observar a linguagem das idéias, as expressões e a comunicação verbal que as pessoas usualmente constroem para interpretar o mundo e interagir entre si, para investigar as atividades de educação nutricional direcionadas aos escolares. Foi elaborado um roteiro de perguntas semiestruturadas e abertas, aplicado aos diretores e coordenadores de algumas escolas de Guarulhos. As perguntas foram relacionadas à Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). E no final, como resultado foram encontradas 23 diferentes estratégias utilizadas na escola para promover a saúde, além de se notar uma metodologia pedagógica participativa e a utilização de meios lúdicos.

Portanto, a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações de melhorias das condições de saúde e do estado nutricional de escolares, assim como o projeto “Escola Promotora da Saúde”, que visa o desenvolvimento humano saudável^{26,27}.

Nesse ambiente, o educador deve ser um facilitador, que saiba utilizar várias estratégias de ensino, contribuindo para a melhoria da formação dos hábitos alimentação das crianças. Para tal, deve também possuir conhecimentos e habilidades sobre promoção da alimentação saudável, procurando incorporá-los ao seu fazer pedagógico^{28,29}. Esses conhecimentos devem ser construídos de forma transversal no ambiente escolar, garantindo a eficácia das ações dentro e fora de sala de aula²³. Além disso, ele deve propiciar ambientes que reforcem a promoção da saúde e que apoiem projetos que integrem a escola e a comunidade²⁸.

O desenvolvimento de estratégias de promoção da alimentação saudável com a comunidade escolar está intimamente relacionado à educação nutricional. A comunidade escolar é formada por pais, diretores, coordenadores, alunos, educadores, donos de cantina, merendeiras e demais funcionários, podendo incluir ainda conselheiros tutelares, de educação, dos

direitos da criança, organizações não-governamentais e universidades, entre outros²⁶.

Portanto, visando importantes mudanças na alimentação escolar, foi criada a Lei de Regulamentação das Cantinas em dezembro de 2001. A comercialização de produtos considerados mais saudáveis tornou-se obrigatória, enquanto outros alimentos como salgadinhos industrializados, balas, pirulitos, refrigerantes e sucos artificiais tornaram-se expressamente proibidos. Porém, em algumas unidades escolares, alimentos inadequados continuam sendo consumidos, o que torna uma disposição para obesidade em escolares^{25,30}.

Assim sendo, um modelo de educação nutricional relacionado a uma abordagem sócio-construtivista e problematizadora opta por estratégias que buscam a identificação do papel social do indivíduo como promotor da saúde escolar, preparando-o para enfrentar questões relacionadas à alimentação e nutrição no contexto escolar²⁶.

O programa de educação nutricional em instituições de Educação Infantil deve conter em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), no qual o mesmo deve ser elaborado com a participação de todas as pessoas envolvidas no processo educativo na escola. E o momento da refeição não deve ser vista apenas como uma tarefa de atendimento as necessidades nutricionais, mas sim como um momento de aprendizagem e conscientização para todos os funcionários³¹.

Mediante o quadro epidemiológico e nutricional atual, em que o índice de obesidade aumentou, muito tem se falado sobre a educação nutricional em escolas como importante estratégia para formação de hábitos alimentares saudáveis desde a infância e controle de doenças de origem nutricional na população como um todo, mas pouco se conhece a respeito das iniciativas que vem sendo tomadas para tal. O conhecimento dessas pode incentivar novos direcionamentos para política atual, bem como orientar discussões pedagógicas entre nutricionistas e demais funcionários envolvidos na educação nutricional escolar a respeito dessas práticas²⁵.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCN) apresentam um referencial teórico e propostas pedagógicas para articulação de educar para a saúde e inserir

essa questão no PPP. É descrita a necessidade de esta ser fundamentada em metodologia pedagógica que se configure dialogal, significativa, problematizadora, lúdica, construtiva, transversal às disciplinas e faixas etárias, e que se cultive a cidadania²⁵.

É importante ressaltar, no entanto, que a educação é um processo, fruto de uma construção contínua e, desse modo, acredita-se que a prática constante de hábitos alimentares saudáveis pode ser estabelecida a partir de uma educação nutricional permanente dentro da escola³².

O estreitamento da relação entre os gestores locais, nutricionistas responsáveis pelo PNAE e os gestores das escolas pode reforçar as ações do PNAE e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, atribuindo maior envolvimento entre o trabalho pedagógico da escola e a alimentação escolar, bem como conferindo maior efetividade e abrangência às atividades de educação nutricional na escola²⁵.

A promoção da alimentação saudável no ambiente escolar parte de uma visão integral e multidisciplinar do ser humano, que considera as pessoas, principalmente o escolar, em seu contexto familiar, comunitário e social. Procura também, desenvolver conhecimentos, habilidades e o autocuidado da saúde e a prevenção das condutas de risco em todas as oportunidades educativas. Além disso, fomenta uma análise crítica e reflexiva sobre os valores, as condutas, as condições sociais e os estilos de vida, buscando fortalecer tudo aquilo que contribui para melhoria da saúde e do desenvolvimento humano²⁷.

3.3. Educação nutricional nos PCNs e matriz curricular

Os artigos pertencentes a esta categoria realizaram uma reflexão sobre a introdução da Educação Nutricional na matriz curricular das escolas, uma vez que esta é muito importante para a questão de saúde pública. Eles defendem a educação nutricional como um ponto de partida para a formação dos hábitos alimentares desde a infância, o que iria se refletir na fase adulta, levando à melhora da qualidade de vida.

A escola é vista como um excelente ambiente para promoção da educação e saúde^{6,33}. Entretanto, é preciso ir além e garantir a capacitação de professores e nutricionistas,

além de uma boa merenda escolar e o acesso do aluno às informações. Há décadas atrás, a preocupação do governo era garantir o acesso a todas as crianças e adolescentes à escola, e atualmente temos quase 100% desta classe matriculada nas escolas. E agora, a missão é formá-los. E hoje, temos o acesso à merenda escolar, garantida no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), então nos resta promover a educação em saúde, por meio da educação nutricional³³.

O PNAE é uma das políticas públicas mais consistentes no Brasil, levando em consideração que desde 2005 seu funcionamento foi ininterrupto e atendeu a todos os pré-escolares e escolares do ensino público. Desde sua criação em 1955, muitas mudanças ocorreram³³.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são disposições acerca dos conteúdos que o professor deve ministrar em sala de aula. Todavia, como é possível haver uma educação formativa em que o professor baseado em seus conhecimentos científicos melhore os hábitos dos alunos? Talvez seja por causa dessa indagação que temas transversais deveriam ser incluídos na matriz curricular, tais como: ética, pluralidade, cultura, meio ambiente e saúde³³.

Assim sendo, a educação nutricional eficaz para o docente não deve ser vista apenas como uma simples verificação de conhecimentos⁶, mas sim como a avaliação de experiências práticas significativas que levem ao estabelecimento de hábitos consistentes com a prevenção da desnutrição e obesidade durante o dia-a-dia no ambiente escolar^{6,33}.

E ainda, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Nutrição, estabelecidas pelo Ministério da Educação no ano de 2001, vieram outorgar, em seu artigo terceiro, inciso segundo, uma nova possibilidade de formação, que consiste na graduação sob a modalidade de licenciatura em Nutrição. Tal formação qualifica o nutricionista a atuar na educação básica e na educação profissional em Nutrição. As referidas diretrizes trouxeram ainda, a expansão das dimensões recomendadas na formação do nutricionista, abrangendo habilidades e competências, como as de tomada de decisões e liderança, assim como uma formação que viabilize atuar em políticas e programas de educação, visando à promoção da saúde em

âmbito local, regional e nacional, bem como à atuação na formulação e execução de programas de educação nutricional⁶.

4. Conclusões

São poucos os artigos que trazem estudos sobre educação nutricional no âmbito escolar utilizando a abordagem qualitativa que, neste campo de conhecimento específico, traz resultados muito mais expressivos que a quantitativa. É preciso ir além dos números e partir para ação; propor novos programas que levem de fato à mudança de hábitos alimentares dos alunos, mudando também a comunidade e familiares.

Deste modo, a metodologia utilizada em sala de aula é de suma importância, uma vez que o aluno deve participar ativamente do processo ensino-aprendizagem, por intermédio de experiências práticas como jogos, contato com a comunidade ao redor da escola. É exatamente esse o fundamento do educador Paulo Freire, que se baseia na concepção problematizadora da educação, em que cabe ao educador despertar nos alunos uma vontade de buscar conhecimento no meio em que vive.

Há meios para se buscar esse conhecimento, como a realização de palestras, oficinas e até mesmo em aulas mais dinâmicas, nas quais o aluno possa participar e compartilhar experiências próprias. Isso leva o aluno a pensar e o motiva a querer aprender cada vez mais.

Além de Freire, Jean Piaget também propôs uma metodologia pedagógica na qual o aluno é capaz de buscar conhecimento se baseando na realidade. O professor explica o conteúdo e cabe ao aluno buscar meios para entendê-lo.

Durante ações de educação nutricional dentro do ambiente escolar é preciso estar sempre conectado às novidades tecnológicas, que auxiliam na transmissão de conhecimento aos alunos. Temos que ter consciência de que há recursos além da cartolina. E o educador tem a função de atrair o aluno, de estimulá-lo a aprender.

Dentro dos cursos de graduação de nutrição, é preciso avançar da teoria e partir para a prática, para termos profissionais capazes de atuar em ações de promoção da saúde dentro da educação nutricional com formação suficiente.

5. Referências

1. Boog MCF. Educação nutricional em serviços públicos de saúde. *Cad. Saúde Pública* 1999; 2 suppl 15:139-147.
2. Santos LAS. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. *Rev. Nutr.* Out 2005; 5(18):681-692.
3. Sobral NAT, Santos SMC. Proposta metodológica para avaliação de formação em alimentação saudável. *Rev. Nutr.* Jun 2010; 3(23):399-415.
4. Associação Brasileira de Nutrição. PNAE é detalhado aos representantes dos Conseas Estaduais, 2009. Disponível em: < <http://www.asbran.org.br/sitenovo/noticias.php?dsid=358>>. Acesso em: outubro 2010.
5. Lopes MSV, Saraiva KRO, Fernandes AFC, Ximenes LB. Análise do conceito de promoção da saúde. *Texto contexto - enferm.* Set 2010; 3(19):461-468.
6. Bizzo MLG, Lídia L. Educação nutricional nos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental. *Rev. Nutr.* Out 2005; 5(18):661-667.
7. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília:MEC/SEF, 1997. 126p.
8. Cervato AM, Derntl AM, Latorre MRDO, Marucci MFN. Educação nutricional para adultos e idosos: uma experiência positiva em Universidade Aberta para a Terceira Idade. *Rev. Nutr.* Fev 2005; 1(18):41-52.
9. Franco AC, Boog MCF. Relação teoria-prática no ensino de educação nutricional. *Rev. Nutr.* Dez 2007; 6(20):643-655.
10. Davanço GM, Taddei JAAC, Gaglianone CP. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. *Rev. Nutr.* Jun 2004; 2(17):177-184.

11. Boog MC, Vieira CM, Oliveira NL, Fonseca O, L'abbate S. Utilização de vídeo como estratégia de educação nutricional para adolescentes: comer... o fruto ou o produto?. *Rev. Nutr.* Set 2003; 3(16):281-293.
12. Gomes BMR, Alves JGB. Prevalência de hipertensão arterial e fatores associados em estudantes de Ensino Médio de escolas públicas da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco, Brasil, 2006. *Cad. Saúde Pública.* Fev 2009, 2(25):375-381.
13. Fernandes OS, Bernardo CO, Campos RMMB, Vasconcelos FAG. Avaliação do efeito da educação nutricional na prevalência de sobrepeso/obesidade e no consumo alimentar de escolares do ensino fundamental. *J. Pediatr.* Ago 2009; 4(85):315-321.
14. Barreto, Anna Christina do Nascimento Granjeiro, Brasil, Lana do Monte Paula and Maranhão, Hécio de S. Sobrepeso: uma nova realidade no estado nutricional de pré-escolares de Natal, RN. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, Ago 2007, vol.53, no.4, p.311-316. ISSN 0104-4230
15. An Benjamin S, Ammerman AS, Ward DS, Ball SC, Sommers JK, Molloy M, Dodds JM. An Intervention to Promote Healthy Weight: Nutrition and Physical Activity Self-Assessment for Child Care (NAP SACC) Theory and Design. *Prev Chronic Dis.* 2007 July; 3(4):01-12.
16. Tuma, RCFB, Costa THM, Schmitz BAS. Avaliação antropométrica e dietética de pré-escolares em três creches de Brasília, Distrito Federal. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.* Dez 2005; 4(5):419-428.
17. Rodrigues RM, Boog MCF. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. *Cad. Saúde Pública.* Maio 2006; 5(22):923-931.
18. Gadotti M. *Pensamento Pedagógico Brasileiro.* Editora ática, 8ª edição, 2004. Pg 32-35
19. Freire P. *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa* Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 3ª Edição. 1997.
20. Pereira ALF. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. *Cad. Saúde Pública.* Out 2003; 5(19):1527-1534.
21. Santos ALC. *Didática,* Fundação Cecierj. Rio de Janeiro 2008. 2(1):174p.
22. Başkale, Hatice et al. Use of Piaget's theory in preschool nutrition education. *Rev. Nutr.*, Dec 2009; 6(22)905-917.
23. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde.* São Paulo: Editora Hucitec; Rio de Janeiro: Editora Abrasco, 1999.
24. Oliveira, MM. *Como fazer pesquisa qualitativa.* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008; 184p.
25. Iuliano BA, Mancuso AMC, Gambardella AMD. *Educação nutricional em escolas de ensino fundamental do município de Guarulhos-SP.* *O Mundo da Saúde.* 2009; 33(3):264-272
26. Schmitz BAS, Recine A, Cardoso GT,
27. Silva JRM, Amorim NFA, Bernardon R, Rodrigues MLCF. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. *Cad. Saúde Pública.* 2008; 24(suppl 24):312-322.
28. Yokota RTC, Vasconcelos TF, Pinheiro ARO, Schmitz BAS, Coitinho DC, Rodrigues, MLCF. Projeto “a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis”: comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. *Rev. Nutr.* Fev 2010; 1(23):37-47.
29. Bernardon R, Silva JRM, Cardoso GT, Monteiro RA, Amorim NFA, Schmitz BAS, Rodrigues MLCF. Construção de metodologia de capacitação em alimentação e nutrição para educadores. *Rev. Nutr.* Jun 2009; 3(22):398-398.

30. Iuliano BA. Atividades para promoção de alimentação saudável em escolas de ensino fundamental do município de Guarulhos –SP. [Dissertação de Pós-graduação]. São Paulo: Universidade de São Paulo - Faculdade de Saúde Pública; 2008.
31. Gabriel CG, Santos MV, Vasconcelos FAG. Avaliação de um programa para promoção de hábitos alimentares saudáveis em escolares de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Rev. Bras. Saude Mater. Infant. Set 2008; 3(8):299-308.
32. Silva ACA, Telarolli RJ, Monteiro MI. Analisando conhecimentos e práticas de agentes educacionais e professoras relacionados à alimentação infantil. Ciênc. educ. (Bauru). 2010; 1(16):199-214.
33. Zancul MS, VALETA LN. Educação nutricional no ensino fundamental: resultados de um estudo de intervenção. Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr. 2009; 3(34):125-140.
34. Domene SMA. A escola como ambiente de promoção da saúde e educação nutricional. Psicol. USP. Dez 2008; 4(19):505-517.

Endereço para Correspondência:

Ana Paula Caetano de Menezes Soares
apcmsoares@gmail.com
Av. Paulo Erlei Alves Abrantes, n. 1325
Três Poços - Volta Redonda - RJ
CEP: 27240-560